



## Contribuições de Tecnologia do Oprimido para a área de *Computer Assisted Language Learning* (CALL)

Alan Ricardo COSTA\*

Peterson Luiz Oliveira da SILVA\*\*

Resenha recebida em: 05.01.2024

Resenha aprovada em: 03.05.2024

NEMER, David. **Tecnologia do Oprimido**: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Serra: Milfontes, 2021, 298p.

CALL é um acrônimo que se popularizou nos anos 1980 para denominar a seara de *Computer Assisted Language Learning* ou “Ensino de Línguas Mediado por Computador”. Em poucos anos, a área já não se restringia ao ensino e contemplava também tecnologias variadas, razão pela qual a designação “Ensino e Aprendizagem de Línguas Mediada por Tecnologias” talvez fosse mais efetiva. A metonímia, contudo, já estava consagrada. E mais importante que o nome do campo é sua característica essencial: a transdisciplinaridade (Leffa, 2006; Hubbard; Colpaert, 2019).

Enquanto seara transdisciplinar da Linguística Aplicada, CALL pode valer-se de trabalhos oriundos de múltiplos campos do saber, como a Sociologia, a Educação, a Linguística, a Informática etc., ou de obras que sirvam a todas essas áreas simultaneamente, como é o caso de *Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil*, livro de David Nemer. Antropólogo brasileiro formado em Ciência da Computação e em Administração e atualmente pesquisador e docente na Universidade da Virgínia, Estados Unidos, Nemer tem desenvolvido estudos sobre

---

\* Doutor em Letras (UNISC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). [alan.dan.ricardo@gmail.com](mailto:alan.dan.ricardo@gmail.com)

\*\* Mestre em Letras (UFRGS). [professorpetersonlamper@gmail.com](mailto:professorpetersonlamper@gmail.com)

tecnologias e mídia, antropologia da tecnologia e, mais pontualmente, práticas tecnológicas nas favelas do Brasil.

Na referida obra, lançada em 2021 pela Editora Milfontes, Nemer apresenta – ao longo de 8 capítulos e quase 300 páginas – uma cartografia das práticas sociais, culturais, tecnológicas e de letramentos digitais cotidianamente realizadas por pessoas que vivem no chamado Território do Bem, em Vitória, Espírito Santo. Fazendo uso do potente e mundialmente reconhecido conceito de “oprimido”, de Paulo Freire (2000), referência cada vez mais mobilizada também na área de CALL (Freire; Brauer, 2021; Costa; Fialho, 2022), o autor contribui (in)diretamente com estudos e pesquisas da área de ensino e aprendizagem de línguas mediado por tecnologias. Embora não tenha sido publicado especificamente com tal objetivo, o livro inegavelmente serve para essa finalidade.

No primeiro capítulo, a história de Pedro<sup>1</sup>, um morador de favela oprimido, possibilita que o autor introduza uma de suas primeiras grandes críticas: “Acadêmicos e desenvolvedores de tecnologias frequentemente percebem aqueles que são oprimidos como meros consumidores de tecnologia, em vez de agentes empoderados por ela” (Nemer, 2021, p. 20). A crítica é necessária, fundamental e reforça aquilo que já foi postulado há quase quatro décadas por Paulo Freire (1984) quando destacou a importância de uma postura crítica sobre o uso de tecnologia e sua potencialidade para uma educação libertadora. Tais discussões sobre a tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem foram fundamentais para consolidar Freire, o Patrono da Educação Brasileira, como referência nos estudos de CALL no Brasil.

A partir dessa conexão entre conceitos debatidos por Freire e as tecnologias digitais atuais, Nemer (2021, p. 23) aponta para a possibilidade de estas serem instrumentos de opressão, mas também “ferramentas que podem ser apropriadas pelos oprimidos em sua busca por liberdade”. Destarte, o autor investe na acepção de

---

1 Este e os demais nomes empregados por Nemer ao longo do livro são pseudônimos, por questões de ética em pesquisa e garantia do anonimato e da privacidade das pessoas participantes.

“Tecnologia Mundana”, já abordada por autores como Michael (2003), e agora expandida para “além de artefatos digitais”, abarcando “processos em que oprimidos se apropriam de tecnologias cotidianas – artefatos, operações e espaços tecnológicos – e as utilizam para aliviar a opressão em suas vidas” (Nemer, 2021, p. 27).

No segundo capítulo, “Reparando a cidade quebrada”, Nemer (2021) discute a “favela”, conceito tão caro aos estudos sociais e tão marcante no Brasil. Para o autor, a favela se caracteriza pela incerteza generalizada que governa as vidas na comunidade e pelos reparos demandados. Por “reparo”, entende-se uma Tecnologia Mundana, uma prática que emerge na vida social referente ao processo sociomaterial de um colapso (que não é predominantemente material). Não raro, moradores de favelas habitam-se com práticas de reparo em razão dos colapsos ali efetivados – em maior ou menor escala – e das tecnologias programadas para falharem depois de um curto período, principalmente para alimentar a lógica do mercado. Em vez de substituídas, essas tecnologias podem ser reparadas, no viés das práticas de transgressão. Das LAN houses à reorganização das fontes de alimentação de energia, exemplos não faltam para mostrar que, na favela, as “gambiarras” podem ir além de práticas sociais simplórias, alcançando a dimensão de letramentos críticos, de práticas decoloniais e, ainda, de reparo e de redesign criativo. Essa visão, obviamente, não deve estar vinculada a uma perspectiva naturalizadora da precariedade da favela e do descaso, tanto do governo quanto dos setores privados.

No terceiro capítulo, Nemer (2021, p. 92) alarga o conceito de Tecnologia Mundana para incluir a apropriação de espaços tecnológicos, como os Centros Tecnológicos Comunitários (CTC) na forma de telecentros, bibliotecas e LAN houses, afirmando que “representam espaços seguros dos quais os moradores da favela se apropriaram para aliviar a opressão de suas vidas cotidianas”, para convívio social e a aprendizagem. Nos CTCs, mães e pais podem deixar seus filhos em segurança enquanto trabalham; estudantes podem se reunir para fazer os deveres da escola; e pessoas em geral podem superar dificuldades e aprender a ler com a ajuda dos

proprietários dos estabelecimentos ou agentes de inclusão, mesclando, portanto, segurança, cidadania, relações sociais e educação. Na literatura de CALL, é comum destacarmos a importância das universidades públicas nessas funções (Costa; Fialho, 2022), mas sem descuidar do quanto o acesso às universidades ainda é elitista e cheio de barreiras.

O quarto capítulo tem como escopo as *Mídias sociais para a sobrevivência* e versa sobre as práticas tecnológicas nos CTCs, que não se limitam a mero entretenimento: são também práticas de melhoria de fluência digital das pessoas e de seus prospectos econômicos e relacionamentos interpessoais (Nemer, 2021, p. 127). Com ênfase no Facebook e no YouTube, Nemer aborda os meios e os modos como os moradores da favela usam essas mídias para escapar da violência nas ruas e contrapor a cultura do silêncio ali vigente. Nesse viés, umas das Tecnologias Mundanas mais mobilizadas é a *selfie*, que pode servir como (1) instrumento de comunicação profícua entre determinados grupos; (2) ferramenta de desconstrução de imagens negativas e estereotipadas sobre as favelas e seus moradores; e (3) alternativa de inclusão para pessoas analfabetas ou com pouca familiaridade com a cultura escrita. Uma contribuição indireta de Nemer para com a área de CALL é a abordagem, neste capítulo, da educação bancária e dos perigos de a sala de aula tornar-se um espaço de opressão e silenciamento dos aprendizes. A própria ação reducionista de docentes e pesquisadores de interpretar as *selfies* de estudantes como prática puramente narcisística pode significar um possível descompasso entre a escola, a aprendizagem de línguas e a sociedade.

“Faveladas com orgulho: Resistindo à opressão de gênero no Território do Bem” é o quinto capítulo, que se inicia com o caso de Jessica para discutir a opressão no viés do machismo e do racismo. Jessica chegou atrasada ao encontro com Nemer para conversar com ele, à época da realização da pesquisa que resultaria no livro. A moça atrasou-se porque tinha acabado de sofrer assédio na rua. Ela também relatou que esse tipo de acontecimento é recorrente em seu Facebook, evidenciando como o

assédio é constante nas redes sociais. Com efeito: "Compreender o mundo das mulheres – especialmente mulheres negras – significa compreender como as opressões social e patriarcal atuam em todos os aspectos de suas vidas" (Nemer, 2021, p. 152). Nos CTCs, que podem ser a um só tempo espaços de opressão de gênero e libertação, podemos encontrar uma espacialidade de linguagem sexista, machista e de violência física em sinergia com a violência virtual de determinados *games*, prejudicando, por exemplo, meninas que querem jogar ou participar de dinâmicas de jogos de RPG e *games online* em geral. De igual forma, podemos encontrar espacialidades que rompam com as ideologias patriarcais dominantes e que tornem o ambiente, embora limitado, seguro para mulheres, como os telecentros que, melhor iluminados e menos barulhentos do que as LAN houses frequentadas por muitos rapazes e homens, são menos hostis ao gênero feminino. A questão que fica, e que precisa ser elencada por pesquisadores em CALL (não só aqueles que pesquisam sobre letramentos digitais em *games* e redes sociais), é a seguinte: em que medida estamos dando a devida atenção às interseccionalidades e às conexões entre gênero e raça – que implicam em questões importantes para as ciências humanas de modo geral – em nossos trabalhos?

No sexto capítulo, "Geografias da opressão: Revelando espaços de silenciamento", o autor resgata a perspectiva dos brasileiros que "esperavam que o governo em razão da Copa do Mundo de 2013, efetivamente, resolvesse os problemas de infraestrutura fundamentais do país" (Nemer, 2021, p. 184). Entretanto, as frustrações desse público reverberaram uma série de protestos à época. As imagens e os vídeos da brutalidade policial contra os estudantes, somados às prisões arbitrárias da imprensa, além de atos violentos nas primeiras manifestações de São Paulo, implicaram novas mobilizações, em "efeito borboleta", geralmente iniciadas em redes sociais, como o Facebook. De forma perspicaz, Nemer (2021, p. 188) investiga se as manifestações de junho de 2013, em Vitória, Espírito Santo, contemplavam os moradores do Território do Bem; ao descobrir que não, o autor notou que "As redes das classes mais altas e das classes mais baixas não se sobrepunham de maneira

significativa o suficiente para que seus membros pudessem discutir os protestos”. A desigualdade social opera de forma visível *online* e *offline*, mas pode ser questionada e confrontada por práticas como os “rolézinhas” nos shoppings, combinados por favelados “famosinhos” das redes sociais que se manifestam politicamente mesmo quando não estando totalmente cientes disso ou da potência dessas práticas.

No sétimo capítulo do livro, Nemer faz uma guinada de foco, do oprimido para o opressor, movimento fundamental para que se compreenda a opressão em jogo. No caso, com ênfase nas eleições presidenciais de 2018, o autor destaca o WhatsApp, tecnologia amplamente utilizada para campanhas de desinformação impulsionadas pelo compartilhamento de *fake news* em massa, isto é, informações falsas com o objetivo deliberado de enganar. Reconstruindo um caminho histórico que vai das Jornadas de Junho de 2013 à ascensão de Bolsonaro (e, acrescentamos, do bolsonarismo), Nemer elucida como as manifestações da última década tendem a se iniciar, expandir e organizar via tecnologias digitais e redes sociais, fortemente vinculadas a ideologias políticas, mesmo sob a égide de uma pseudoneutralidade e um pretense apartidarismo. Aqui, vale sublinhar um importante adendo a todos os pesquisadores em CALL, a partir das palavras de pensadores como Paulo Freire (1984, 1995) e Pierre Lévy (2010): as tecnologias *per se* não são nem boas nem más, tampouco neutras. Elas estão sempre acopladas a determinadas práticas, que nunca estão isentas de ideologias. É pertinente que cientistas em CALL frequentemente questionem o que Paulo Freire (1984; 2000) questionou décadas atrás: a tecnologia está a favor de quem ou de que? E, por conseguinte, contra quem? No caso dos grupos de WhatsApp debatidos por Nemer (2021), as tecnologias estavam a serviço da disseminação de vídeos virais, memes e conteúdos forjados para impulsionar a popularidade de Bolsonaro, tanto entre a extrema direita quanto entre um público cansado do jogo político e sem muitos letramentos digitais até então e, por conseguinte, mais suscetíveis às *fake news* e às estratégias de massificação postas em práticas naquele ano.

O oitavo e último capítulo do livro, “Tecnologia da esperança: Revivendo a Tecnologia do Oprimido”, trata da esperança como Tecnologia Mundana, não a esperança vã, de quem espera por algo que vem “de fora”, mas a esperança freireana, de esperar como ação ativa, que se inicia “dentro” de cada um, e que é pré-requisito para uma mudança social concreta. Falando de seu próprio “exílio” em razão da perseguição política sofrida em decorrência de seu trabalho de denúncia das práticas bolsonaristas via tecnologias digitais, Nemer (2021, p. 248) busca em Freire inspiração para ressignificar não só o exílio, mas também “a raiva e o amor” necessários para a escrita e a divulgação do livro. Lembrando dos acadêmicos no Brasil e no exterior que continuaram lutando pela ciência e pela democracia no país, resistindo às medidas autoritárias de Bolsonaro, David Nemer fortalece tal luta com sua obra e com sua postura de pesquisador engajado e sensível às questões do Brasil que demandam cada vez mais mobilização direta dos setores da academia.

O apêndice do livro também é digno de nota, pela qualidade da apresentação da metodologia etnográfica e das fases do trabalho de campo para a coleta de dados da pesquisa que possibilitaram a escrita de *Tecnologia do Oprimido*. As informações pontuais sobre os dados primários e secundários, a observação participante (principalmente dentro dos CTCs), as entrevistas com 94 pessoas do Território do Bem e os grupos focais (realizados na segunda fase da pesquisa) demonstram o cuidado do autor com o trabalho científico e com o seu público leitor. O uso de documentos governamentais para refletir ou problematizar aspectos do cotidiano social em questão mostra-se um caminho apropriado para pesquisadores da área, na medida em que as investigações em CALL não devem negligenciar o papel do governo e das políticas públicas que operam (ou deveriam) sobre os fenômenos estudados.

À guisa de conclusão, vale destacar que a seara de CALL cresceu e redesenhou sua agenda de pesquisa a partir do ensino remoto e do contexto de pandemia de COVID-19 entre 2020 e 2022 (Reis, 2022; Costa *et al.*, 2022). Logo, é pertinente que pesquisadores em CALL busquem subsídios teóricos e práticos em novas

investigações e publicações, sobretudo aquelas que se aprofundam e revisitam temas e problemas sociais nem um pouco novos, tais quais a desigualdade social no Brasil e a importância das tecnologias para uma educação libertadora. Transitando entre a “denúncia” e o “anúncio” – para fazer uso uma vez mais de conceitos freireanos –, o livro de David Nemer caracteriza-se como uma dessas obras que merecem leitura atenta. Finalmente, reiteramos que *Tecnologia do Oprimido* contribui significativamente para novos trabalhos em CALL, principalmente no que diz respeito aos letramentos digitais e midiáticos na atualidade e às múltiplas práticas cotidianas mediadas por tecnologias em favelas ou contextos de vulnerabilidade social. Recomenda-se, portanto, o estudo e a discussão da obra no meio acadêmico.

### Referências

COSTA, A. R.; FIALHO, V. R. Paulo Freire na formação docente e na cibercultura: um olhar crítico-reflexivo sobre as tecnologias hoje. *In*: COSTA, A. R.; FAGUNDES, A.; FONTANA, M. V. L. (org.) **Letras para a Liberdade**: perspectivas críticas no ensino de línguas e literaturas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 327-349. DOI <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.138.327-349>

COSTA, A. R.; FIALHO, V. R.; BEVILÁQUA, A. F.; OLIVEIRA, E. 10 anos de Jornada de Elaboração de Materiais, tecnologias e Aprendizagem de Línguas: estado da arte. *In*: LEFFA, V. J.; FIALHO, V. R.; BEVILÁQUA, A. F.; COSTA, A. R. (org.) **Tecnologias e ensino de línguas**: uma década de pesquisa em Linguística Aplicada. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2020. p. 19-43.

FREIRE, M. M.; BRAUER, K. C. N. Paulo Freire e Edgar Morin: a complementaridade de um diálogo possível. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 60., n. 1, p. 316-327, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/010318139516211820210305>

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. A máquina está a serviço de quem? **Revista BITS**, p. 6, maio de 1984.

FREIRE, P. **Pedagogy of the Oppressed**. 30th Anniv. Nova Iorque: Continuum, 2000.

HUBBARD, P.; COLPAERT, J. Toward Transdisciplinarity in Computer-Assisted Language Learning. **CALICO Journal**, v. 36, n. 2, p. 81-99, 2019. DOI <https://doi.org/10.1558/cj.37499>

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. *In*: LEFFA, V. J. (org.). **Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B\\_Leffa\\_CALL\\_HP.pdf](https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B_Leffa_CALL_HP.pdf).

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

MICHAEL, M. Between the Mundane and the Exotic: time for a Different Sociotechnical Stuff. **Time & Society**, v. 12, n. 1, 2003. DOI <https://doi.org/10.1177/0961463X03012001372>

NEMER, D. **Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil**. Vitória: Milfontes, 2021. 298p.

REIS, S. C. 30 anos de CALL no Brasil: uma área andaimada sobre “ombros de gigantes”. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 25, p. 15-38, 2022. DOI <https://doi.org/10.15210/10.15210/RLE.V25especial.4382>